

A ESCRITA DE CRÔNICAS E A CONSCIENTIZAÇÃO DA EMPATIA NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Mariana Martins CREMON²

Licencianda em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Renan Silva RAPOSO³

Licenciando em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

Cristina Lopomo DEFENDI⁴

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa/USP
Docente de Licenciatura em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência do projeto “Empatia do dia a dia”, desenvolvido por discentes da Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de São Paulo. O projeto foi aplicado em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola estadual da região norte da cidade de São Paulo como parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A sequência didática foi realizada com o objetivo de desenvolver a habilidade escrita dos alunos e aumentar a capacidade expressiva, trabalhando também a conscientização sobre empatia e os problemas consequentes à falta dela. Para isso, foi utilizado o gênero textual crônica e as aulas foram desenvolvidas com leituras de obras do gênero e atividades de produção de texto dos alunos. Como produção final, as crônicas escritas pelos alunos foram compiladas em um livro. Com os resultados, foi possível observar que os alunos conseguiram refletir sobre os temas discutidos em sala de aula e puderam aprimorar a habilidade da escrita.

Palavras-chave: PIBID; Produção Textual; Crônica; Empatia; Ensino Fundamental II.

Introdução

¹Trabalho resultante de projeto realizado sob orientação da Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi, coordenadora do subprojeto Letras – Português/IFSP São Paulo, no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Capes).

²Endereço eletrônico: mariana.cremon@aluno.ifsp.edu.br

³Endereço eletrônico: renan.raposo@aluno.ifsp.edu.br

⁴Endereço eletrônico: crislopomo@gmail.com

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) cujo objetivo é proporcionar para estudantes dos cursos de licenciatura a experiência da docência em escolas de educação básica da rede pública. Participam do programa alunos bolsistas e alunos voluntários, que devem, após um período de observação do cotidiano da escola e da realidade em que ela está inserida, aplicar um projeto de intervenção em turmas observadas. Os projetos são discutidos entre alunos de Iniciação à docência, professor supervisor e professor coordenador em reuniões periódicas no Instituto Federal de São Paulo. Durante a aplicação, são acompanhados pelo professor supervisor, que está presente durante todas as aulas, participando junto aos alunos de iniciação a docência.

As primeiras aulas são destinadas à observação da rotina dos alunos. Partindo desta análise, as sequências didáticas começam a ser planejadas, tendo sempre em mente a heterogeneidade de uma sala de aula de 6º ano da rede pública de ensino de período integral.

O projeto “Empatia do dia a dia” foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2019 em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental II de uma escola pública da região norte da cidade de São Paulo. A finalidade do projeto transcende somente o desenvolvimento da habilidade escrita ao trabalhar a empatia (presente no tema transversal “Ética), promovendo, assim, o desenvolvimento (inter)pessoal dos alunos.

A sequência desenvolvida se iniciou com uma conversa para conhecer os alunos, seguida de exercícios orais, exercícios controlados de produção textual escrita e concluiu-se em um livro de autoria dos alunos. Este apresenta crônicas que abordam a empatia ou os problemas consequentes à sua falta, tratando de temas correntes entre os adolescentes e dentro das escolas, como o *bullying*, machismo, preconceito e racismo.

No decorrer das aulas, foram utilizados diversos materiais que promoveram análise e discussão, como as crônicas “Pneu Furado”, de Luís Fernando Veríssimo, “O *Bullying*”, de João Marcos, “O Preconceito na Sociedade”, de Nayara Farias e “Programa de Reflexões e Debates para a Consciência Negra”, de Felipe Cândido da Silva e imagens impressas de situações problemáticas possivelmente enfrentadas anteriormente pelos alunos ou seus amigos.

Conhecendo os alunos

A iniciação em sala de aula para um aluno de licenciatura participante do projeto, na grande maioria das vezes, significa a sua primeira experiência em sala de aula sem estar na posição de aluno. Diferentemente de professores regulares que acompanham os alunos por diversos dias da semana, os alunos bolsistas e voluntários possuem somente um dia para intervenção, o que faz com que seja um pouco mais desafiador, ou mais demorado, criar uma ligação com os alunos.

Para lidar com a falta de intimidade, a primeira intervenção teve como o objetivo conhecer mais os alunos. A partir da lista de chamada, um aluno por vez falou um pouco sobre seus gostos, matéria favorita e o que mais se sentissem à vontade para compartilhar com a turma. Além de ser extremamente importante saber com quem se está trabalhando, o primeiro passo para ganhar intimidade e o respeito de um aluno é saber o seu nome e acolhê-lo como integrante de um grupo.

Em seguida, como forma de iniciar as discussões sobre empatia, foi pedido para que cada aluno escrevesse uma pequena mensagem que gostariam de ouvir/receber em um pedaço de papel, no qual havia um sorriso desenhado. Todas as frases foram sorteadas, sendo assim, cada aluno ganhou uma mensagem escrita por um colega na hora em que foram embora.

Na intervenção seguinte, os alunos estavam extremamente animados para compartilhar as mensagens que haviam recebido e lido. Então, foi colocado em discussão o teor de cada mensagem, os motivos que fariam uma pessoa querer ouvir isso. Alguns alunos até mesmo assumiram a autoria de algumas mensagens lidas em voz alta.

Atividades lúdicas

Por se tratar de um projeto aplicado no período da tarde em uma escola de período integral, algumas dificuldades foram encontradas. Pelo menos no começo do projeto, uma delas foi encarar o cansaço dos alunos. Como forma de engajá-los mais, foi proposta a execução de atividades lúdicas.

Em uma delas, no pátio, onde havia muito mais espaço livre, os alunos foram organizados em uma roda para participarem da dinâmica do “pelo menos”. Ela consiste em um aluno contar uma situação problema real ou fictícia e o aluno ao lado ver a situação por uma outra perspectiva com uma frase que começa com "pelo menos".

Mais uma vez a empatia foi trabalhada de uma maneira sutil, na qual os alunos só precisavam ver o lado bom de uma situação ruim vivenciada pelo colega. De certa forma, também foi iniciado o trabalho de desenvolvimento da habilidade de argumentação dos alunos.

Atividades de leitura e escrita

Ao preparar uma sequência didática, é de suma importância que os exercícios propostos tenham uma ordenação lógica entre si. Após conhecer os alunos enquanto sujeitos, deve-se procurar diagnosticar o conhecimento que eles possuem em relação ao que se pretende trabalhar e dificuldades gerais e pontuais da turma. Com essa finalidade, a primeira atividade diagnóstica foi desenvolvida.

A turma já estava acostumada a ser dividida em estações com quatro alunos cada, o que facilitou o trabalho nesta atividade em particular. Cada grupo recebeu uma imagem com uma situação problemática. Dentre elas haviam ilustrações de *bullying*, desmatamento, poluição de rios e mares, racismo e segregação por gênero sexual. Recebeu também uma folha pautada, na qual deveria colar a imagem.

Os alunos deveriam discutir sobre o tema da ilustração recebida e desenvolver, oralmente, uma breve história a partir dela. Em seguida, cada um escreveria um parágrafo, com sua própria letra, dessa história criada. Todos os alunos fizeram a atividade, entretanto com alguns atrasos. Alguns alunos que geralmente não se manifestam em sala de aula, surpreendentemente, estavam muito animados para participar. Alguns não queriam, a princípio, trabalhar em grupo e poucos deixaram de elaborar o parágrafo. Mas, em geral, a atividade foi muito satisfatória.

A primeira produção escrita dos alunos visou trabalhar o desenvolvimento de narrativas com coerência, trabalho em equipe e criatividade. Foi a primeira que possibilitou que as dificuldades em relação a produções textuais pudessem ser identificadas e, futuramente, trabalhadas.

Como consequência, a atividade seguinte foi elaborada tendo por objetivo o trabalho com a coerência textual - aqui entendida a divisão básica de um texto em introdução, desenvolvimento e conclusão, todas decorrentes entre si.

Primeiramente, foi apresentada uma breve explicação sobre a divisão de um texto em introdução, desenvolvimento e conclusão, contando com uma descrição de cada parte e seus elementos. Novamente em grupos, porém divididos em seis, os alunos receberam a crônica “O mistério da casa mágica” de Ariane Bomgosto dividida em seis partes. Cada aluno recebeu uma parte aleatória para ser lida e, em seguida, apresentada para o resto do grupo, assim, todos juntos, organizariam a narrativa na “ordem correta”.

A grande maioria dos grupos conseguiu colocar o texto na ordem do texto original. Os que não conseguiram, confundiram somente as partes que se iniciavam com diálogos. Todos os alunos entenderam a divisão de como uma narrativa se organiza e o princípio de decorrência entre elas. Assim, foi possível trabalhar paragrafação, interpretação, paráfrase e ordenação lógica do texto.

Em relação à organização do texto, uma breve análise sobre a organização dos parágrafos foi feita com os alunos como forma de revisão. Em seguida, foi feita uma leitura em grupo com todos os alunos, que se encontravam extremamente ansiosos para participarem da leitura em voz alta.

Em outra atividade, os alunos receberam a crônica “Pneu furado” de Luís Fernando Veríssimo sem o final original. A proposta da atividade era que cada aluno, sem saber o final escrito pelo autor, criasse um final coerente com a história. Diversos alunos se voluntariaram para fazer uma leitura em voz alta para o resto da turma, demonstrando ser uma sala muito participativa. Após a leitura, os alunos perceberam que, levando em consideração a organização e coerência textuais, algo estava faltando e uma discussão foi gerada sobre o que poderia ter acontecido no final da história.

Durante a realização da atividade, foi possível observar a criatividade dos alunos e ver que eles se divertiram bastante enquanto pensavam em um possível final. A grande maioria da turma entregou a atividade proposta, e somente dois alunos presentes não conseguiram finalizar durante o período de aula. O objetivo da atividade foi de trabalhar a escrita dos alunos e a capacidade de conclusão coerente. Alguns alunos conseguiram se aproximar do fim escrito por Veríssimo, mesmo não sendo esse o objetivo da atividade.

Todas as crônicas foram corrigidas e receberam um comentário pessoal e dicas para melhoras na escrita e/ou correções a serem feitas. Sobre isso, cabe ressaltar a seguinte passagem de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98):

os erros encontrados nos textos produzidos ao longo das sequências são uma fonte de informação preciosa para o professor. Um levantamento dos erros mais frequentes pode servir como base para a escolha das noções a serem estudadas ou revistas nos momentos consagrados unicamente à ortografia. Evidentemente, não se trata de retomar tudo de uma só vez, mas de determinar as intervenções prioritárias. Um tal levantamento permite também diferenciar o trabalho com a ortografia: em função da frequência dos erros, alguns pontos deverão ser abordados com todos os alunos; outros, apenas com um pequeno grupo e outros, ainda, com alunos que necessitam atenção individual.

A partir das dificuldades observadas durante a correção, duas atividades foram planejadas para sanar dúvidas em comum a toda turma (além de atendimentos individuais que se fizeram necessários).

Em uma, foram reapresentados os diferentes usos dos “porquês”, já que foi recorrente esse tipo de incorreção nos textos produzidos. Também foi mostrado como escrever de uma maneira esteticamente recomendável⁵, enquanto se criava uma pequena história coletiva na lousa com o emprego de diferentes “porquês”.

O exercício elaborado junto com a explicação de como escrever melhor esteticamente manteve a atenção dos alunos, que ficaram animados em participar e praticar o uso correto. Em exercícios posteriores, foi possível observar a retenção das regras trabalhadas e acerto no uso.

Em outra atividade, foram comentados com os alunos os diferentes usos do discurso direto e indireto, além da reapresentação das regras de pontuação, com destaque no uso das vírgulas –um conteúdo que já havia sido trabalhado pelo professor regular. Os alunos criaram, em conjunto com os alunos aplicadores do projeto, um parágrafo inicial, coletivo, explorando a pontuação gramatical e expressiva. Como tarefa, eles terminaram a história individualmente.

⁵ Chamamos de “esteticamente recomendável” o recuo para paragrafação; letras maiúsculas em inícios de orações, nomes próprios - dentre outras regras; o uso do espaço da folha, não pulando linhas desnecessárias e escrevendo até chegar próximo à margem etc.

Mais uma vez foi possível perceber como os alunos provaram ter absorvido os conceitos abordados nas duas últimas atividades por meio do exercício feito em conjunto. E mais uma vez, os alunos participaram com muita vontade na elaboração do parágrafo na lousa; entretanto, foram poucos que continuaram a história em casa. Embora seja desanimador, é necessário que se entenda que no ensino integral eles passam a maior parte do dia na escola estudando, ou seja, eles não costumam levar lições para serem feitas em casa. Pensando nisso, o cronograma do projeto foi adaptado para que todas as produções fossem feitas durante as aulas.

As atividades seguintes foram baseadas na leitura, interpretação e análise de três crônicas sobre temas problemáticos do cotidiano, desmistificando a concepção de que o gênero sempre possui teor cômico. As crônicas usadas foram: “O *Bullying*” de João Marcos, “O Preconceito na Sociedade” de Nayara Farias e “Programa de reflexões e debates para a Consciência Negra” de Felipe Cândido da Silva.

Como de costume, os alunos se empolgaram bastante na hora de ler as crônicas e participar da análise desses modelos de textos. Os alunos ficaram com algumas cópias para que fossem relidas, se necessário, antes do começo da produção.

Na fase de escrita, os alunos foram divididos em duplas e alguns trios que elaborariam crônicas para a produção de um livro. As duplas foram sorteadas pelos alunos aplicadores do projeto para que não houvesse agrupamentos que já eram rotina durante as aulas regulares. A intenção por trás de fazer com que alunos que não trabalhavam juntos com certa frequência se tornassem um grupo está completamente relacionada ao desenvolvimento de empatia. Por não estarem trabalhando com os amigos mais próximos, muitos alunos se mostraram resistentes a algo novo, entretanto cederam ao entenderem a necessidade de estar aberto ao novo e ao colega novo.

Mesmo com as atividades planejadas, há situações que surpreendem. Por exemplo, os jogos interclasses foram um obstáculo na elaboração das crônicas. Ao optar pela elaboração dos trabalhos escritos em sala de aula, não era esperado que, durante essas aulas, alguns alunos se ausentariam para que participassem de atividades esportivas. As duplas desfalcadas acabaram trabalhando individualmente e todos receberam auxílio de um dos aplicadores do projeto para escolherem o tema e montarem o melhor esquema de suas histórias em suas estações de trabalho.

Na aula seguinte, os alunos iniciaram a escrita de seus textos e todos receberam auxílio em suas mesas novamente para que todas as possíveis dúvidas fossem sanadas. A capa do livro também foi discutida com os alunos e foi proposta a elaboração pelos jovens autores. Uma aluna se voluntariou para fazer o desenho que estamparia a obra e assim ficou decidido pelos alunos.

Partindo de observações do cotidiano da escola, é perceptível que os alunos participam de muitos projetos extracurriculares ao longo da semana e que produzem trabalhos em grupo com certa frequência. Logo, neste caso em particular, pode-se entender que os alunos não finalizaram as crônicas devido à falta de tempo.

Como alguns alunos escreveram as crônicas durante as outras aulas do professor supervisor responsável pela turma, por escolha dele, isso concretizou o fim da maioria das duplas, assim, muitos alunos entregaram a produção textual individualmente. Os que não tiveram a chance de terminar, terminaram durante a aula de intervenção.

O livro de crônicas

Os alunos receberam a primeira versão da crônica corrigida na intervenção posterior, todas com anotações pertinentes sobre pontos importantes que deveriam ser aprofundados, além de uma crítica construtiva. Para tais comentários, foi usada a forma que Ruiz (1998) denomina de “correção textual-interativa”.

Trata-se de comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aluno (no espaço que apelidei de "pós-texto"). Tais comentários realizam-se na forma de pequenos "bilhetes" que, muitas vezes, dada sua extensão, estruturação e temática, mais parecem verdadeiras cartas (algumas até com invocação e fecho).(...) A maioria absoluta das correções textuais-interativas que incentivam o trabalho de reescrita pelo aluno, reforçando positivamente a revisão realizada, ocorrem em forma de "bilhetes" que revelam a existência de uma certa afetividade entre os sujeitos envolvidos. (RUIZ, p.67)

Com o primeiro exercício diagnóstico e as aulas planejadas especialmente para o esclarecimento de dúvidas pontuais em comum, foram poucos os alunos que ainda apresentaram dificuldades e incorreções gramaticais. Os alunos que ainda apresentavam algum tipo de dificuldade na escrita receberam atenção individual. Também foi

observado que os alunos aderiram ao tema da empatia e colocaram questões sociais importantes em seus textos, como racismo e, principalmente, o *bullying*.

Partindo dos comentários feitos na correção textual-interativa das produções textuais, os alunos tiveram mais duas aulas para realizarem a reescrita e a entrega da versão final do texto.

Um detalhe curioso sobre a produção da capa, que não deve ser deixado de lado, é sua inspiração. Como o tema do projeto era empatia, os alunos constantemente comentavam sobre situações que passaram ou estavam em evidência na mídia. Um desses assuntos polêmicos foi o *bullying* cibernético sofrido por uma jovem que foi filmada e insultada por um cantor brasileiro na Disney. Com a notícia em alta, trazer a discussão para a sala de aula aliando com o tema do projeto foi um acontecimento natural para os alunos e acabou inspirando a sua confecção.

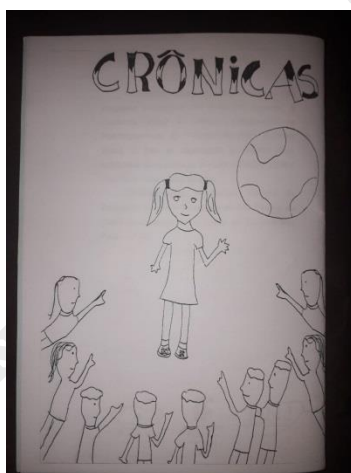


Ilustração feita por uma aluna para a capa do livro

Como produção final, um livro foi editado, organizado e impresso com a versão final das crônicas escritas inteiramente pelos alunos. Ao serem comparadas com as versões anteriores, torna-se evidente a grande melhora no desenvolvimento da escrita dos alunos e a conscientização sobre problemas sociais presentes no cotidiano.

Como forma de finalizar o projeto, foi promovido, entre os alunos da turma, o lançamento do livro. Cada livro foi entregue aos alunos e montado com uma página colorida (cor escolhida por eles) que seria destinada a autógrafos que eles dariam e receberiam dos colegas. Além de autografarem os livros do professor supervisor e dos

alunos aplicadores do projeto, puderam deixar mensagens sobre o impacto que o projeto teve em suas vidas. Os alunos se divertiram bastante nesse dia e ficaram muito entusiasmados com a ideia de lançarem um livro de autoria.

Considerações finais

O projeto “Empatia do dia a dia”, aplicado no 6º ano do Ensino Fundamental II, tinha como objetivo aumentar a capacidade expressiva dos alunos por meio da escrita, desenvolver essa habilidade, promover a conscientização dos alunos sobre problemas da sociedade e estimular a criação de empatia. Durante as aulas, os alunos levantaram discussões e produziram crônicas sobre temas como *bullying*, machismo, preconceito e racismo. É importante falar sobre esses assuntos com as crianças e adolescentes o quanto antes e incentivá-los a ter um pensamento crítico sobre eles.

No decorrer do projeto, algumas alterações foram necessárias para se adequar à rotina de uma escola de período integral. Atividades que poderiam ser feitas em casa, que são comuns no ensino de meio período, acabam se tornando um desafio no período integral e por esse motivo precisam ser realizadas durante a aula. No entanto, mesmo com alterações no cronograma, foi possível concluir o que foi pensado: a confecção de um livro com crônicas escritas pelos próprios alunos.

Com os resultados, é possível observar que os alunos conseguiram refletir sobre os temas discutidos e desenvolveram a habilidade da escrita durante o semestre, após um cronograma montado com muitas leituras, produções textuais e reescritas. Vale ressaltar que todas as atividades foram corrigidas e entregues aos alunos com comentários pontuais e incentivos para reescrita e percepção de formas possíveis de aprimoramento do texto. Embora não constitua uma novidade pedagógica, a produção de um livro e o seu lançamento foram atividades diferentes para o cotidiano da turma e deixaram os alunos bastante empolgados.

As atividades pedagógicas realizadas contribuíram muito com a formação como docente dos licenciandos. A experiência em sala de aula é de extrema importância dentro de um curso de licenciatura e o PIBID promoveu a inserção dos discentes no ambiente escolar, em que foi possível observar o cotidiano e as dificuldades que podem aparecer durante a atuação de um profissional da área. Por meio das atividades

desenvolvidas, foi possível observar o desempenho dos alunos durante o aprendizado dentro da área de língua portuguesa e as suas dúvidas, proporcionando aos alunos de iniciação à docência a visão da realidade de uma turma de uma escola pública de tempo integral de São Paulo.

Referências

BOMGOSTO, Ariane. O mistério da Casa Mágica. Disponível em: <http://www.qdivertido.com.br/vercronica.php?codigo=5>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FARIAS, Nayara. O Preconceito na Sociedade. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/atualidades/o-preconceito-na-sociedade.htm>. Acesso em: 07 out. 2019.

MARCOS, João. O Bullying. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/colunas/cronicas-de-sexta/o-bullying/> . Acesso em: 07 out. 2019.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donoio. **Como se corrige redação na escola**. Tese de Doutorado. Unicamp. Campinas/SP. 1998

SILVA, Felipe Cândido da. Programa de Reflexões e Debates para a Consciência Negra. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/5807990/programa-de-reflexoes-e-debates-para-a-consciencia-negra> . Acesso em: 07 out. 2019.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Pneu Furado. Disponível em: <https://www.simplesmenteportugues.com.br/2009/11/pneu-furado-luis-fernando-verissimo.html> . Acesso em: 09 set. 2019.

WRITING CHRONICLES AND EMPATHY AWARENESS IN THE 6TH GRADE

ABSTRACT

This article describes an experience report of the Project “Empathy of day-to-day”, made by Language and Literature graduation students of the Federal Institute of São Paulo. The project was applied to a 6th grade class from a public school in the northern region of São Paulo, as part of the Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation (PIBID). A didactic sequence was created with the objective of developing the students’ written ability and increase

their expressive capacity, inducing empathy awareness and the problems resulted from the lack of it. Therefore, chronic textual genre was used and the classes were developed by genre texts reading and writing activities. As a final production, a book was made with the chronicles written by the students of the school. From the results, it was observed that the students were able to reflect on the topics discussed in class and they were able to develop their writing skills.

Keywords: PIBID; Text Production; Chronicle; Empathy; Middle School.

Envio: março/2020
Aceito para publicação: abril/2020

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 5, n. 2, maio 2020